

APRESENTAÇÃO

VÍTOR QUEIROZ¹

EDITOR

<https://orcid.org/0000-0003-1735-4203>

Neste novo número da Espaço Ameríndio, contamos com uma seleção de artigos de temática aberta seguida de uma resenha sobre o livro de Aílton Krenak *Um pássaro um rio*, lançado em 2023. Neste caso, portanto, a relação – que, infelizmente, ainda é mais comum – entre autoria branca (ou seja, não-indígena) e autoria autóctone se inverte: o autor resenhado é um dos intelectuais mais consagrados do país, é integrante de grêmios e academias de enorme prestígio e força institucional e, nessa obra específica, resume, com toda sua lucidez e sua poesia, a temática dos outros dez trabalhos que publicamos aqui. Com *Um pássaro um rio* Krenak traça, afinal, uma história do movimento político indígena no Brasil das últimas décadas e discute amplamente as questões associadas aos territórios, à arte e aos direitos dos povos originários.

Os dois primeiros artigos deste número particularmente marcado pela interdisciplinaridade retomam, de forma aprofundada, os dilemas associados à territorialidade indígena. Se o tema ocupa o lugar central da militância autóctone em nosso país e nas Américas como um todo, “Da necessidade de efetivação dos direitos indígenas para além das terras” de Janaína Esteves, Niâni de Medeiros e Raissa Moreira e “Negociando o inegociável”, de Thiago Cavalcante questionam, a partir dos campos do Direito e da História, os limites externos – como assegurar os direitos indígenas, além da questão territorial normalmente colocada? – e internos – como impedir que as negociações e concessões territoriais encubram uma farsa? – do problema.

Com o próximo par de artigos, voltamos nossa atenção para a importância tática das práticas artísticas indígenas, tão caras a Krenak e aos artistas autóctones justamente reconhecidos que pautaram uma arte indígena contemporânea no Brasil, tais como Jaider Esbell, Denilson Baniwa e os integrantes do MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), exatamente enquanto propulsoras de alianças que não poderiam ser feitas de outra maneira. Em “Environmental education and indigenous arts” de Sonia Geraldo, Helen Gomes e Valéria Iared uma epistemologia da terra e do território é abordada num texto que, significativamente, busca leitores internacionais e que publicamos, por isso, em inglês. Já em “Memória, narração e cinemas indígenas”, Rodrigo Oliveira e Adriana Fresquet refletem, a partir da Educação, sobre a agência das produções audiovisuais indígenas que, há algumas décadas, têm rompido com o paternalismo tutelar, epistêmico, usualmente reservado aos povos originários.

As discussões colocadas pela Educação e pela Pedagogia continuam na seção seguinte, formada pelos artigos “O sujeito indígena e a educação

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: <queiroz.avila@ufrgs.br>.

escolar indígena no discurso oficial” de Edvaldo Carvalho, que enfoca as controvérsias sobre o tema na imprensa do início da década de 1970, no então Território Federal do Amapá, e “Práticas corporais indígenas na educação infantil” de Vivian Ottolini e Carlos Alberto da Silva. Tendo assegurado a perspectiva histórica por meio do trabalho precedente, este último texto repensa, em chave prática e propositiva, a lei 11.645/2008, ainda vigente, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Afro-Brasileira e Indígena.

Antes de prosseguirmos e terminarmos, decididamente, sob o signo da História, esse segundo número do nosso vigésimo volume, recuperamos a questão territorial indígena que havia ficado em nossas primeiras páginas com o artigo de Guilherme Bousi, das Ciências Ambientais, intitulado “Nhanderekó na sobreposição”. O trabalho, afinal, permite-nos voltar à terra e ao território, agora encarado como modo de bem viver e bem pensar, a partir da maneira Guarani de ser e estar (*nhanderekó*) e das soluções diplomáticas, dos compromissos históricos estabelecidos pelos povos originários, instituições ambientais e o Estado.

Os três últimos artigos abordam a interseção entre história e autoctonia de três maneiras complementares: os filósofos Leno Danner e Fernando Danner em “Gênero humano entre presente e passado” rediscutem a chamada modernidade colonial e suas premissas excludentes; Heraldo Montarroyos retoma a historicidade e a questão clássica da autoridade entre os antigos Tupinambás em “O estado ultramínimo, resiliente, solidarista e gerontocrático dos Tupinambás no passado remoto”; e o trio Alessandra Sexilack, Ana Barros e Lorena Campos trazem, a partir da história social, as “Vozes de Abya Yala” para pensar a relação entre história oral e intelectualidade indígena.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas envolvidas neste número da Espaço Ameríndio, das autoras e autores que submeteram seus artigos para a revista e aos pareceristas que emprestaram-nos sua atenção bem qualificada para avaliarem-nos. Finalmente, agradeço à nossa equipe que se mantém, se renova e que tornou essa publicação possível: a cooperação assídua de Larhyssa Fontes Dutra da Silva, a capa de Mariana Ribeiro – feita a partir de uma linda miniatura de uma casa, uma oferenda funerária da chamada “cultura Nayarit” que floresceu, na costa oeste do México antigo, há dois mil e tantos anos – e especialmente ao trabalho editorial de Rafael Pederiva, ao qual damos nossas calorosas boas-vindas!

Por fim, desejamos a todas e todos uma boa leitura da Espaço Ameríndio.